

PROIBIDO

CALAR

CATARSES.

Sentir é uma arte solitária.

MATHEUS CHACON

Portfólio desenvolvido para a disciplina de *Escrita Criativa* (CINEMA UFSC), orientado pelo professor Márcio Markendorf.

Capa: foto de Matheus Chacon

Dezembro de 2016.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	_____
Memórias de um outro eu	_____
Páginas perdidas do diário de REX	_____
Senhora	_____
Que descolorirá	_____
Strangerboy	_____
Uma rua chamada Solidão	_____
Fetus in fetu (eu não sou um pós moderno)	_____
O judeu	_____

INTRODUÇÃO

Coleção de contos e poemas sôfregos produzidos durante o semestre de escrita criativa .

Capítulo I – O bom filho

Um frio incomum engolia a cidade, que gemia baixinho uma brisa fraca e úmida, nas ruas poucas pessoas circulavam automáticas; Era cedo da manhã de um sábado de julho.

Com olhos estrangeiros e amedrontados vasculho meu redor; Sensação de estar perdido, de ter me enganado numa esquina qualquer..... eu sabia muito bem onde estava !.

Capítulo II - As coisas insistem em fugir de si, a metafísica do agora é um divã barato e desconfortável, onde o Mundo gasta todo seu salário. Ps: Ele sofre de uma mania horrível de negar o que é , não agora, mas...segundos atrás. Nem que seja... Sub(atômicamente).

Como acalmar os olhos ?, tudo que eles precisavam era encontrar uma marca, um detalhe, um vestígio de qualquer coisa que por descuido ou poesia tivesse passado despercebida pela fome do tempo, pela gula do progresso; Acho que é comum dos olhos essas paixões de amores líquidos, esse apego à pequenas coisas ... procuro nas casas, nos muros, nos rostos das pessoas, procuro algo que pudesse me transportar de volta . Eu não conseguia encontrar nada.

Meu estomago doía e meus pés por um momento sentiram nunca ter pisado aquele chão.

Capítulo III – Faziam uns onze, doze anos.... e o que eu esperava? Encontrar a Dona Lena varrendo a calçada?

Religiosamente, todos os dias bem cedinho, lá estava ela com sua amiga de palha nas mãos e sempre acompanhada pelo Barão, um pinscher gordo velho e chato que ela tinha como um filho, ele seu fiel sentinela a observava imersa naquela espécie de ritual zen budista, modo como todos os bons velhinhos celebravam suas manhãs.

Dona Lena deve ser agora um monte de ossos mofando, assim como o Barão, o Seu Jair e metade dos velhos do bairro, a outra metade devem ter caído em si e agora as folhas ficam em paz onde bem quiserem, enquanto eles dormem quentinhos até mais tarde... pois naquela manhã fria de julho não avistei um bom velhinho sequer; E as calçadas estão sujas no triste bairro do Velho Engenho.

Dobrando a esquina dos Cândidos atravesso dez anos em dez passos; vejo no fim da rua minha frondosa redenção.

Interlúdio – Nem só as andorinhas fogem do inverno

Ao longe posso vê-lo, os mesmos passinhos curtos e tímidos de sempre. Ele é desses pássaros que andam, que não dominam o céu, que trocam de plumas diariamente e que migram sem mais nem menos, uma hora ou outra sempre acabam voltando para ninho que nasceram, nem que seja só de passagem, é o tipo mais estranho de pássaro, mas é o que mais me agrada observar.

Ele se aproxima, erguendo seus olhos pesados como se me cumprimentasse gentilmente, suas plumas são mais escuras e opacas do que outrora, seu tamanho mais que

dobrou, os olhos são exatamente o mesmo que em outros tempos diariamente me visitavam sorridentes, os mesmos que buscavam em dias quentes refugiar-se sob a proteção acolhedora de minha sombra, que perdiam-se nas tardes daqueles verões eternos.

Capítulo IV – Criança suja e desconhecida

Pela primeira vez naquela manhã reconheço o lugar no qual me encontrava, o coração dispara, os pés não acompanham minha súbita vontade de correr..., seguem contidos, vagarosos, compassados.

Chego à praça de minha infância, transpasso uma dimensão mística do meu próprio eu.

A praça está quase deserta, se não fosse por mim e pela presença quase fantasmagórica de uma criança suja e desconhecida que brincava distraída aos pés da Centenária Paineira.

Aquele tempo é agora quando eu relembro como era bom viver, me largo num banco desses de madeira, retiro do bolso do casaco um papel amassado e com uma caneta gasta ponho-me a escrever essas linhas tortas.

(Memórias de um outro eu, interlúdio e
cap. I, II,III e IV.) .

Páginas perdidas do diário de REX,

O poeta do fim do mundo.

Viu o fogo no céu,

Se esqueceu do azul.

Nada foi,

Nada é,

Nada será.

Senhora.

Na lama,

Na beira do rio.

Um milhão de pegadas de cavalos selvagens;

Ali ficou.

Que descolorirá.

É terça de manhã faz calor, a janela está aberta a luz tímida do sol queima gentil minha pele e uma brisa fraca me acaricia, há um límpido céu lá fora e a cidade já respira ofegante, minha rotina me espera, me perco distraída em pássaros circulando o azul infinito, saio sem tomar café da manhã. Entro às oito em ponto.

Às oito e vinte Ela chegava.....,sempre colorida, sempre sozinha, todos os dias minha vida naquela cafeteria só começava depois da sua chegada, sabia a mesa que sentava, a cadeira e sabia exatamente o que Ela ia pedir : um café preto com cacau e sem açúcar . Era eu quem sempre a atendia e quem preparava seu café, nunca consegui qualquer diálogo, Ela era mesmo caladona, silenciosa, seu semblante triste à caia tão bem., Pensava eu que suas roupas coloridas era pra disfarçar sua alma desbotada, sempre me perguntei o que será que a desbotou, ela tinha um ar misterioso desses de quem tem um passado denso, já pensei em segui-la pelas ruas, descobrir onde mora, se vive com a mãe doente ou num casamento frustrado, se tem amigos, se tem um gato ou samambaias, será que ela trabalha? Sempre imaginei que Ela fosse pintora; A verdade é que ela me provocava um fascínio, e eu não sabia o porquê e nunca vou saber, afinal ela não apareceu naquela manhã de terça...., nem na quarta.....,nem na quinta....., nem na sexta....., nunca mais.

Desbotou minhas manhãs.

(ps: título no final pois pode conter spoiler)

- Mããããe !... rasguei minha camiseta do pijama .

A criança sai do banheiro com o colarinho em farrapos e uma expressão estranha no rosto, a mãe irrompe no meio do corredor e então caminha paciente em sua direção, perguntando com uma voz acolhedora e incisiva :

- Mas como isso Felipe?

- Não sei., foi sem querer., tava de olho fechado.

Suspira fundo, despe o filho da roupa rasgada.

-Aiai...., você tem que ser sempre assim ? tente se comportar.. seu pai está chegando amanhã de viagem, não deixa ele estressado., Diz num tom firme enquanto conduz o menino ao quarto.

- Desculpa mãe.... juro que foi sem querer.....

parados na porta do quarto uma inquietação, - eu tô com medo de dormir sozinho, posso dormir com você? só mais hoje ?.

a mãe se abaixa,

- O quê está acontecendo filho? você é um mocinho, não é? fazia tempo que não tinha medo, e essa semana é a terceira vez que não quer dormir no seu quarto!, tem algo te assustando? é seu irmão? pode falar pra mãe !.

- Não é nada mãe, só não quero ter pesadelos.... por favor!?.

- Felipe não, se tiver pesadelo é só me gritar que venho correndo, não tem como mal nenhum te acontecer, olha como nossas portas são próximas., olha!., Diz cruzando o corredor com dois passos largos,- e além do mais até a Madalene que tem só dois anos dorme sozinha no quatinho dela!,anda não há motivo pra ter medo., Ela abre os armários e fecha as cortinas e apanha uma camiseta,- só tem você aqui!, nada mais!, se quiser posso trancar a porta?., Ela o veste e o cobre com uma manta pesada e fofa.

-não tranca não mãe! , deixa só encostada.. tá bem?.

- Tá bem, dorme com Deus meu anjo. Ela deixa um beijo morno na testa do filho.

Pela manhã as coisas estavam corridas, ansiosa a mãe na cozinha cuidava dos quitutes matutinos nem um pouco tradicionais , o pai iria chegar a mesa estava linda, a vó cantarola canções à pequena na varanda, o Júnior jogado no sofá toma um copo de leite cru enquanto escutava o seu "rock pesado " no discman, Felipe ainda não havia descido e isso era estranho já que ele era sempre o primeiro a acordar., Finda a preparação impecável da mesa a mãe sobe as escadas, era importante estarem todos na mesa para o café da manhã em família, entrando no quarto encontra o menino ainda na cama e se aproximando nota uma contração no rosto do filho que tem também a mão esquerda fechada em punho sobre o peito, ela senta na cama e sussurra seu nome e tenta sem sucesso levantar seu punho ,tenta com mais vigor, o garoto é mais forte do que ela pensa..... acorda num espasmo soltando um grito fúnebre e acertando em cheio o rosto da mãe...., ela fica um momento atônita, recupera os movimentos aos poucos à medida que começa sentir um liquido quente escorrer pelo seu nariz que continua descendo pela boca e depois pelo pescoço, Felipe a observa em silêncio tão assustado quanto ela, que se levanta e sai para o banheiro.

- Desculpa mãe !.

Felipe se levanta devagar e se senta na cama, esfrega os olhos remelentos, calça suas pantufas. Fica alguns minutos parados ouvindo os sons da mãe lavando o rosto no banheiro, a pia deve estar vermelha, ela desliga a torneira, derruba algo e volta a ligar...não demora muito e sai, o garoto espera ouvi-la descendo as escadas e se dirige cauteloso ao banheiro.

Suas pequenas mãos trêmulas fazem força para abrir a torneira, há gotas de sangue perdidas no piso e na pia, ele joga um punhado de água no rosto e se afasta devagar encarando o espelho...para, com um leve medo levanta lentamente sua camiseta, pensava consigo: aquela não foi uma noite de pesadelos estava tudo bem, estava tudo bem!, examina cuidadoso seu corpo, até que nota pequenos arranhões em seu abdome., Merda eles não estavam aqui ontem...quase não dou conta de quando acontece agora, já

não acordo assustado, será estou me acostumando? .,Abaixa a camisa e se aproxima do espelho agora minunciosamente examinado o pescoço, puxando pra baixo o colarinho.

Sentados à mesa um silêncio frágil é quebrado ocasionalmente pelo tilintar de talheres batendo em xícaras e pires, a família reunida à espera do pai atrasado, a mãe miúda em seu canto da mesa leva periodicamente um lenço branco com pequenas pintas rubras ao nariz já seco enquanto lança olhares culposos ao filho, quieta pensa em como vai explicar para o marido.... um sonoro ronco de motor avisa que a espera acabou, todos se alinham, a mãe confere mais uma vez o nariz se levanta e joga fora o lenço, prega um sorriso no rosto e vai à porta. Felipe soa, tem calafrios, suas mãos formigam.

No carro à caminho da escola as coisas parecem mais calmas, o dia prometia melhorar pois era a tarde da educação física e poderiam jogar basquete, Felipe era o melhor da 3ºsérie em basquete e um bom jogo ajudaria a esquecer a manhã conturbada., Ele ainda se sente triste, a mãe dirige em silêncio.

Veste seu uniforme..., em quadra o ar é abafado, seu coração está acelerado há gritos e risadas e o sons da borracha das solas gritando agudo no piso encerado, o placar é 17 à 14 e ele vai reverter isso, respira quilos de ar sente seu corpo elétrico, é a hora da virada, a bola está com Victor um garoto franzino da sala b, Felipe arquiteta a jogada perfeita atravessa a quadra, mas antes que possa executa-la, durante a disputa pela bola Felipe agarra repentino o pulso do garoto, o treinador apita falta o som afiado perfura seu ouvidos seu braço tem um espasmo puxando o garoto com uma tremenda força pra perto de si, Victor começa a chorar sente ter deslocado o pulso grita por ajuda, o treinador corre na direção deles, tudo escurece por alguns segundos.

Felipe chora sozinho na diretoria, seu colega está no ambulatório, as secretárias telefonam aos pais.

No carro as coisas não podiam estar piores, a mãe bufa ao volante, gesticula e fala alto, Felipe tem dificuldade em compreender as palavras soltas no ar, param no semáforo ,ele se afunda no banco falando baixinho :

- Foi sem querer, desculpa.

Ao ouvir isso a mãe perde a paciência estoura, enche de tapas o menino, enquanto grita pausadamente intercalando palavras e tapas :

- eu já cansei dessas desculpas infantis, acha que somos trouxas!?!? não pode se safar de tudo com esse discursinho esfarrapado seu moleque endiabrado!.

o sinal abre ela recompõe-se, sai com o carro, seguem quietos até em casa., Quando descem do carro Ela ameaça:

- No jantar eu você e seu pai vamos conversar sério!.

Ele engole seco, calado.

Uma ausência de peso fazia com que não sentisse a cadeira sob o corpo, suas mãos geladas faziam tremer seus dedos, seu estômago doía mas não sentia um pingão de fome. A mãe trazia agora uma panela fumegante da cozinha, Felipe não sabia o que era mas o cheiro o enjoou, o vapor tomava lentamente a sala, a vó empurrava uma papinha nojenta à menina que balbuciava inteligíveis palavras babadas,

- Madá cala boca por favor!

Reclamou o babaca do Júnior com seu mau humor usual, ele encarava Felipe com um risinho frouxo nos lábios desde que sentou à mesa.

Felipe olha uma última vez pro relógio da cozinha, antes constantemente checado era agora uma nuvem de vapor, eis que então aquele barulho tão familiar surge no fim da rua, se aproximando compassadamente....o coração dispara sufoca a garganta, suas mãos o prendem na cadeira, sua visão ameaça negrejar.

Madá esgoela como um animal selvagem, alguém a cravou um garfo nas mãos., A mãe vem disparada da cozinha antes mesmo do sangue começar a escorrer , Júnior tirou os fones e silabou em choque:

- S T R A N G E R B O Y .

(Strangerboy).

Uma rua chamada solidão

Naquela manhã passei pela sua rua, espiei pela sacada,
Garrafas vazias de whisky e restos da noite passada,
lembrei da tua insônia e pensei:
tadinha ainda deve estar acordada.

Me enganei,
Dobrando a esquina te encontro tranquila.
Num sono leve...,
de quase uma tonelada.

Fetus in fetu (eu não sou um pós moderno).

As mãos de Satã deslizaram suavemente pelo meu rosto,
Inclinando-o levemente
Só então pude ver todo caos,
Tudo aquilo gerado das trevas.
Gozei o mais sereno dos gozos,
Enquanto Ele com seu hálito quente em meus ouvidos sussurrava:
- você não pode continuar vivendo com um Deus morto dentro de ti !
Ali nos amamos,
Ali fui gerado.

O judeu

A brisa leve do fim de tarde fazia respingar cera quente nas pontas dos meus dedos os cânticos ecoavam entre as paredes sujas e espessas daquele bairro imundo elevando meu ser num transe quase divino junto ao o som de todos os pés caminhando máquinas de pecados abrindo caminho à uma redenção da qual nunca seriam dignos. Não haverá misericórdia mas há um prazer obscuro quando se implora clemência.

Na pequena praça da igreja havia um humilde palco montado durante a tarde do mesmo dia era páscoa e à umas duas quadras dali a procissão vagarosa marchava gemendo suas dores purificadas enquanto os atores da trupe de teatro itinerante se preparavam nervosos para eles era a última paixão do dia e além disso fazia dez anos que um bando desses não passava por aquela cidade desgraçada.

Toda aquela caboclada devia estar ansiosa para a peça eu também estava mas não conseguia distinguir ansiedade da emoção que eu sempre sentia nesses tipos festas tenham elas um espetáculo no fim ou não eu apenas sentia que estranhamente essa seria diferente primeira páscoa desde que terminei a catequese e pensava que sabia comungar.

Murmúrios olhos curiosos e um amontoado de gente se acotovelando apertada naquele paço minúsculo um mar de gente e eu perdido e eu mar eles perdidos .

As luzes caem repentinas a noite engole passional o horizonte quente.

Crucificado, um Cristo viril quase nu se contorce ao som de dolorosas chicotadas, seu corpo é magro mas de músculos bem definidos, seus cabelos longos e louros harmonizam com a barba, sua pele é pálida e se rubra facilmente, seus olhos são dum verde claro, um verde que nunca vi. Eu estava ficando excitado. nunca antes tinha visto um homem ou mulher como ele , assim tão branco, olhos verdes e cabelos dourados. Naquele sertão esquecido tudo o sol já havia queimado. Eu sentia uma culpa deliciosa, que aumentava a cada nova chicotada. Naquela noite eu era o mais feliz dos pecadores .

Humildemente , para

Hilda H.

Obs* Há dois roteiros

Que não consegui encaixar aqui pelo formato, mandei em anexo no e-mail

Me desculpe.